

## A ESCOLA FACE À CULTURA LOCAL

*JOSÉ LUÍS RAMALHO \**

*MANUEL PEDRO S. GONÇALVES \**

**A** aculturação e a enculturação são os processos básicos de transmissão cultural. A aculturação revela-se como um processo de transmissão cultural violento, resultante de formas de colonização que leva a uma fusão de distintos elementos culturais. A enculturação, é por sua vez, o processo pelo qual todo o ser humano aprende desde o seu nascimento, a adaptar-se e integrar-se na cultura da sociedade em que vive.

Nos tempos actuais, os jovens estão cada vez mais sujeitos a um processo anárquico de enculturação, em que estão constantemente "confundidos" pelos "mass-media" que a todo o momento veiculam diferentes padrões e valores culturais, que eles rapidamente procuram assimilar. Daqui resulta, por vezes, uma inadaptação destes jovens à família e à sociedade, surgindo os inevitáveis conflitos de geração.

Compete, pois, à Escola, assegurar um correcto processo de enculturação de forma a integrar os jovens alunos na cultura da sociedade em que vivem, aprendendo a aceitá-la e a respeitá-la. Perante este desafio a Escola, deverá repensar a sua função na sociedade.

A escola tradicional fazia assentar os seus princípios de funcionamento numa metodologia em que se privilegiava a memorização, desprezando a compreensão e a interpretação de situações reais, de forma a tornar funcionais os conhecimentos transmitidos. Caracterizava-se assim por ser uma escola unidimensional, que valorizava sobremaneira a aplicação dos conteúdos curriculares. Uma escola cujo principal objectivo assentava fundamentalmente no ensinar a ler, escrever e contar, menosprezando a sua função social e cultural. Esta escola, virada somente para o rígido cumprimento dos currículos, dava maior consistência às barreiras sociais mais favorecidas e marginalizava, ainda mais, os mais desfavorecidos.

Escolas superlotadas, com uma população escolar bastante heterógenea, não permitiam aos professores o estabelecimento de uma relação empática com os alunos e vice-versa, nem tão pouco que os alunos estabelecessem entre si laços de amizade e de boa camaradagem. Esta situação dava origem a ambientes agressivos dentro e fora da sala de aula, que muito contribuíam para o alheamento da escola face à realidade sócio-económica e cultural, fomentando assim, o seu isolamento e contribuindo deste modo para as ele-

---

\* Docentes da ESE de Beja

vadas taxas de abandono e insucesso escolar então existentes. Este procedimento da escola ao invés de fomentar a integração dos alunos, através dum salutar convívio sócio-cultural, conduzia ao isolamento, à agressividade, ao individualismo e ao egoísmo, onde os alunos eram manipulados numa tentativa de manter e mesmo acentuar as barreiras sociais existentes.

Esta escola que ignorava a família, a sociedade e a cultura local revelou-se de há muito incapaz de satisfazer as exigências da sociedade actual, bastando para tanto atender aos índices de analfabetismo institucional e funcional existentes no nosso país, principalmente no seio das populações rurais.

À escola, mais do que ensinar, compete educar. A escola deve proporcionar a aquisição de conhecimentos e de referências que conduzam a uma formação técnica e intelectual que leve os seus alunos a serem elementos produtivos, responsáveis e participativos, preparando-os assim, para se tornarem agentes activos da sociedade.

As necessidades actuais exigem cada vez mais que a escola curricular dê lugar à escola pluridimensional e que se verifique uma integração da escola na família e na comunidade, valorizando e garantindo deste modo a continuidade cultural do meio.

Perante esta realidade torna-se necessário que os professores, através das responsabilidades inerentes à sua formação profissional, se assumam na comunidade onde estão inseridos, como agentes divulgadores e dinamizadores de cultura.

Esta nova imagem dos docentes passa por impôr a realidade de que a educação é algo de colectivo, que envolve para além da escola, os pais, a família e a comunidade. O professor não deve ser mais aquele indivíduo que procurava atingir os seus objectivos educativos unicamente através da abordagem dos conteúdos programáticos, ignorando os interesses e as realidades sócio-económicas e culturais dos seus alunos. O professor deve identificar-se com a cultura da comunidade onde a escola está inserida, procurando através do contacto com esta e de uma profunda observação psico-sociológica conhecer, sobre todos os aspectos, a realidade envolvente. Só assim o professor está em condições de levar os alunos a identificarem-se com a sua cultura, isto é, contudo aquilo que receberam do ambiente social em que têm vivido.

Deste modo, a instituição, que é a escola, tomar-se-á, graças à interacção com o meio envolvente, numa escola autêntica e integral, pois a escola como afirma Bernard Siegel "não é uma organização isolada, a sua estrutura operacional é continuamente afectada pelas forças do meio ambiente". É necessário tornar o binómio escola/comunidade num todo a ter em conta, para que a escola actual possa desempenhar capazmente a função que a sociedade dela exige.

Dentro desta perspectiva, a que poderemos chamar de escola pluridimensional, tivemos oportunidade de testemunhar a sua importância e validade, através do trabalho desenvolvido numa escola do 1º ciclo do ensino básico, da freguesia e concelho de Ourique.

Esta escola, à semelhança de tantas outras, revelava-se pobre, mal apetrechada e desconfortável, quando há alguns anos atrás (1982) a actual professora ali foi colocada.

Os alunos embora dóceis, revelavam-se inertes e tristes. O "anormal" estado de espírito e físico destes jovens devia-se em parte às longas caminhadas que todos os dias tinham que fazer até à escola, estando mesmo alguns deles já cansados pelo esforço dispendido na ajuda aos seus pais no labor agrícola. A tudo isto acrescia a deficiente alimentação de que dispunham, para o decorrer de todo o dia.

A juntar a esta triste realidade, os alunos estavam habituados a que o professor sistematicamente utilizasse uma prática pedagógica formal, assente em compêndios redigidos numa linguagem difícil, que pouco lhes dizia. Perante este quadro, não é de admirar que os níveis de insucesso e de dependência fossem elevados, verificando-se mesmo casos de alunos com 3 e 4 anos de repetência.

Para pôr termo a esta situação de inércia, desconfiança e indiferença dos alunos e da comunidade em relação à escola, a professora procedeu a alguns melhoramentos. Com o recurso ao poder local e à família reestruturou o espaço físico e o mobiliário, surgindo assim diversos ateliers, a cantina, a horta, as capoeiras e a coelheira.

A escola ao procurar ir de encontro aos interesses dos alunos, tornou-se em cada dia que passava, num espaço humano e mais real.

A gestão da escola e das actividades escolares a desenvolver passaram a ser da competência dos alunos, que em reuniões semanais, realizadas todas as sextas-feiras à tarde, projectam o plano de trabalho para a semana seguinte.

Todo este trabalho assenta num projecto de escola que procura ter como actividades principais a agro-pecuária, a alimentação, o artesanato e o comércio.

Subjacente a todo este projecto há a preocupação de criar situações práticas que motivem e enriqueçam o trabalho curricular e a educação dos alunos, preparando-os para a gestão do meio, para a interiorização da cultura local e para a vida.

A nova metodologia proposta aos alunos, desde logo contribuiu, para que as actividades curriculares se processassem com normalidade e entusiasmo.

No final de cada ano lectivo a escola promove uma feira, onde vende os trabalhos feitos ao longo do ano, não só pelos alunos, como pelos pais e familiares, o que permite de certo modo à escola uma autonomia financeira que lhe possibilita a compra de algum material didáctico considerado indispensável - imprensa, microscópio, máquina fotográfica, etc..

Nesta escola que consideramos oportuna, para o meio onde está inserida, os alunos sentem-se na sua casa e exteriorizam alegria. Há um ambiente de trabalho e de disciplina individual e colectiva digno de nota. A presença da professora raramente se faz sentir, a não ser como animadora e coordenadora das actividades em curso. Os alunos por sua vez revelam-se responsáveis, críticos, cooperantes e criativos.

Como podemos observar, esta escola assume-se como um meio de transmissão de cultura, aproveitando a vivência do quotidiano dos seus alunos para lhes permitir a aquisição de outros conhecimentos, agora de natureza científica. Deste modo a escola dá aos

seus alunos auto-confiança e desperta-lhes qualidades e capacidades que mais tarde lhe virão a ser úteis na vida activa.

A escola não pode somente limitar-se a ensinar, mas sim a educar, devendo para o efeito transmitir igualmente a cultura, vista numa perspectiva antropológica. Só assim os jovens poderão ficar indiferentes às constantes agressões culturais, de que são alvo todos os dias, pelos diversos órgãos de comunicação social. A escola ensina-os a respeitarem e a fazerem respeitar os valores básicos da sua identidade cultural. Nesta escola, os pais, a família e a comunidade em geral, participam activamente na educação dos jovens, tornando esta num acto colectivo, do qual todos beneficiam.

A escola tem que se tornar num espaço vivo, utilizando novas metodologias que motivem os alunos e os levem a descobrir e a desenvolver as suas capacidades, treinando a cooperação e o respeito entre si.

Esta nova escola, em que o professor tem que se assumir como um autêntico agente cultural, no seio da comunidade, não é mais compatível com a forma da actual colocação de professores, antes pelo contrário, exige uma relação e conhecimento destes do meio, de modo a tornar cada vez mais eficaz a interacção da escola com a comunidade. Como escreveu a Comissão Internacional para o desenvolvimento da educação no seu relatório, publicado sob o título *Apprendre à Être*, "qualquer sistema que consista em prestar serviços educativos a uma população passiva, qualquer reforma que não tenha por efeito, suscitar na massa dos aprendizes um processo endógeno de participação activa, só pode alcançar, no máximo, êxitos limitados".

A nova escola exige igualmente que as instituições de formação de professores repensem os planos curriculares de forma a proporcionar aos futuros professores, condições, não só para serem agentes de ensino, mas sobre tudo agentes de cultura, pois, como afirma o Professor Manuel Patrício "tem que ser recusado liminarmente o professor como técnico de ensino, o professor transmissor do saber constituído. Esse professor é sempre demasiado pouco."

Longe vai o tempo em que à escola competia somente ensinar, através da transmissão de conhecimentos livrescos, baseados fundamentalmente no abstracto, valorizando sobremaneira as capacidades de memorização dos alunos e menosprezando os conhecimentos e vivências adquiridos no seio da família e da comunidade.

A escola, mais que ensinar, deve educar no sentido de proporcionar às crianças e adultos o aprender, a servir-se das ferramentas fundamentais do pensamento, que lhes permitam compreender o mundo e nele actuar.

Sendo a educação um acto colectivo, compete à escola fomentar e desenvolver estreitas relações de cooperação com o meio físico, social e cultural envolventes.

Assim, a escola identificando-se e interpenetrando-se com a comunidade, tornar-se-à na "PRÓPRIA VIDA", preparando os alunos para aprender, fazer e saber fazer, valorizando deste modo o "ser" ao "ter"

## BIBLIOGRAFIA

DEWEY, John - *Democracie et Education, Essals contemporains*, Édition L'Age d'Hourme, 1983

DIAS, Jorge - *Antropologia Cultural*. Ed. Castoliva lda., 1986

FAURE, Edgar - *Apprendre à être*. UNESCO - Fayard, Paris, 1972

PATRÍCIO, Manuel Ferreira - *A Escola Cultural: sua natureza, fins, meios e organização geral*, Doc. Preparatórios 1. Comissão de Reforma do Sistema Educativo, Ministério da Educação, 1988.

RAKOTOMALALA, Pierre, Koi, Lethank - *A Educação No Meio Rural*. Ed. Moraes, Lisboa, 1976.

SIEGEL, J. Bernard - *Education and Cultural Process Toward an Antropology of Education*. Holt, Rinehart and Winston, inc., Ny 1974.

TAVARES, Manuel José Alves Viegas - *Antropologia ou Educação*. In: Revista de Antropologia.

Assina

**LER**  
*educação*

 **NISSAN**

**BEJAUTO**

BARRADAS & SILVA. COMÉRCIO RAMO AUTOMÓVEL, LDA.

**BEJA**

PRACA DIOGO FERNANDES - 6 7800  
ALMODÓVAR  
Telef. 085.4 24 19  
ESTRADA NACIONAL

MOURA  
Telef. 085. 2 26 37  
LARGO S. FRANCISCO

*UMA VASTA GAMA  
DE VIATURAS  
À SUA ESCOLHA*

  
**FORD**  
NEW HOLLAND



**TORRE**

CONCESSIONÁRIOS-IMPORTADORES

**CAEIROS, LDA.**

- VENDAS ☎ 25046  
- PEÇAS E SERVIÇOS ☎ 25045

VARIANTE E.N. 18 ★ 7800 BEJA